

A INDIVIDUALIDADE HUMANA NA SOCIABILIDADE CAPITALISTA: UM ESTUDO CENTRADO EM *O CAPITAL*

Luana da Silva Dias (1); Betânea Moreira de Moraes (2)

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, dias.l@live.com; ²Professora Orientadora da Universidade Estadual do Ceará cedida à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, betaneamoraes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, empreendemos sistemática análise em torno da obra última de Marx, *O Capital*, nos três livros que o compõe, tendo por objetivo determinar, a partir do texto do pensador alemão, como se dá a individualidade humana e sua afirmação/negação na sociabilidade capitalista. A discussão toma por fundamento teórico-prático que as formas de sociabilidade e individualidade se originam e são determinadas pelo trabalho, categoria fundante do ser social, fazendo com que os indivíduos e suas relações humanas se efetivem em decorrência deste e se modifiquem em conformidade a ele.

METODOLOGIA

Ancorada no materialismo histórico-dialético, a pesquisa, de caráter teórico-bibliográfico, investigou os livros Primeiro, Tomos I e II; livro Segundo; e livro Terceiro, Tomos I de *O Capital*, rastreando em cada um deles suas especificidades e vieses ao tratar da individualidade humana, haja vista que em Marx não há outro método se não o estudo direto do objeto como ponto crucial de partida para os leitores das obras marxianas em prol da obtenção do conhecimento almejado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Livro I, sobre o processo de produção do capital, destaca-se a dicotomia entre aparência e essência do modo de produção capitalista que Marx elucida, demonstrando os verdadeiros mecanismos do sistema que por detrás de belas cortinas maquinam o esbulho social que nega ao trabalhador em sua dignidade.

Também trata do complexo categorial da individualidade, em seus lineamentos gerais, bem como, discute o traçado analítico dos nódulos categoriais elencados, a saber: as bases ontológicas da individualidade humana, o processo de individuação na sociabilidade capitalista e a individualidade em seu devir, os quais expressam de forma mais desenvolvida o estatuto onto-histórico conferido por Marx à individualidade.

Nesse momento, ao apontar-se que a individualidade humana é tratada no legado marxiano aqui revisado como complexo categorial, refere-se que esta expressão é utilizada tanto para designar tanto uma dada forma de existência dos homens no curso do processo histórico de autoconstituição do ser social, quanto para designar o modo de ser singular e irrepitível de cada indivíduo, que expressa, nada mais nada menos, a forma particular na qual cada indivíduo se apropria dessa dada forma de existência. Assinala, ainda, que Marx em *O Capital* apreende e revela não só a lei econômica do movimento da sociedade moderna, mas a essência da individualidade humana que se produz na forma capital.

No Livro II, o qual discute o processo de circulação do capital, extraímos ao analisar as relações existentes entre trabalhador e capitalista, vendedor e consumidor de força de trabalho, como ocorre a negação dessa individualidade pelo e no mercado de força de trabalho, figura que compõe a fase D – M da circulação do capital e se faz imprescindível para que este se realize,

transformando o trabalhador em mero elemento do capital circulante, numa existência desprovida das prerrogativas que assistem a pessoa humana no que tange a sua singularidade.

A compra e venda de trabalho são traços característicos do atual modo de produção e imprescindíveis para que este se perpetue. O mercado de força de trabalho, identificado dentro da circulação do capital industrial na fase D-M (troca de dinheiro por meios de produção), especificamente na subfase D-FT (troca de dinheiro por força de trabalho), é essencial na circulação do capital, pois sem ele não haveria produção e, por conseguinte, a circulação não teria continuidade, estancaria. Para haver produção é necessária a combinação dos meios de produção propriamente ditos, matérias primas e força de trabalho para a transformação daquela massa de produtos em um artigo novo e enriquecido de mais-valia.

Se a força de trabalho nesse sistema é mercadoria, seu fornecedor, no mesmo, é mera fonte desta, pois o homem deixa de ser considerado indivíduo com sentimentos, necessidades, valores pessoais e é somente considerado objeto para aquele que a compra, os donos dos meios de produção, ao qual interessa saber somente se nele existe potencial de força de trabalho ou não para valoração do seu capital.

A análise resultou na constatação de que o processo de circulação do capital é fator que propicia fenômenos sociais inerentes ao capitalismo, responsáveis pela negação da individualidade humana, fazendo com que o processo de circulação – em foco a venda da força de trabalho - seja promotor de toda sorte de degradações físicas e morais estabelecendo e concretizando socialmente sólidas engrenagens de um sistema econômico que, para subsistir, necessita negar nossa individualidade, transformando homens em meras fontes mercadológicas.

A relação é viciada, pois, por ela, o sujeito, levando em consideração o contexto histórico-cultural e socioeconômico em que se insere, consubstancia em sua identidade as marcas do seu trabalho, ou da empresa/organização a que serve. Essa não dissociação criada é prejudicial ao indivíduo, pois quando a relação é cortada, sente que perdeu parte de si. O homem contemporâneo não distingue o seu trabalho como algo feito por ele que transforma a natureza e até mesmo a si, mas o considera como parte de si, sentindo-se debilitado quando não mais pode exercê-lo.

A negação da individualidade humana é tal que pode resultar em fatalidades. Marx assim, suscita a existência de um mercado de trabalho, onde a força de trabalho, fonte geradora do valor, é vendida como mercadoria (fator pessoal) e os trabalhadores são os fornecedores, as fontes dessa mercadoria.

Em sendo assim, torna-se o ser humano mero elemento-meio para determinado fim, não tendo relevância alguma a sua individualidade, a menos que essa influa na força de trabalho e, por conseguinte, no fim almejado pelo capitalista.

Sem deixar de reconhecer a positividade instaurada à condição humana pelo modo de produção capitalista em relação aos modos comunais, através da possibilidade de sua emancipação ao produzir as condições materiais em larga escala, ao mesmo tempo, deve-se dar luz, e isso Marx (1985) o fez, aos elementos de negatividade inerentes à legalidade do regime capitalista. Aqui, particularmente, buscamos rastrear aqueles advindos do trabalho tomado como elemento do capital circulante, particularmente também ao processo de rotação do capital.

Capta-se, diante da análise empreendida no livro segundo que, diante da maneira como o trabalhador é considerado apenas como parte de um capital circulante aqui utilizado/manipulado, seja no tempo de produção, no tempo de circulação, dar-se a fim de acelerar e, conseqüentemente o objetivo de abreviar o tempo de rotação do capital de modo a potencializar o processo de valorização do valor.

Por fim, ao visitar o Livro III, que trata do processo global de produção capitalista, mas não no sentido de desenvolver considerações gerais sobre a unidade da produção capitalista constituída por processo de produção e processo de circulação, “[...] mas descobrir e descrever as formas

concretas oriundas do processo de movimento do capital, considerando-se esse processo como um todo” (MARX, 1986, p. 29-30), marca-se, na obra, o término dos apontamentos e “previsões” de Marx, depreende-se tanto nas categóricas afirmações quanto na sutileza das entrelinhas que as condições e contradições aviltantes típicas de outras fases do modo de produção capitalista se fazem presentes também no metabolismo de reprodução global do capital.

Marx (1985) trata, portanto, da passagem do capital em geral à pluralidade dos capitais. Pois, é no capital global, modo de sociabilidade que modifica a essência real da produção da riqueza social numa forma abstrata equivalente chamada dinheiro, em que as mercadorias assumem uma dúplice realidade intrínseca à sua natureza nessa dada forma social: o valor de uso e o valor de troca. É na produção que o valor de uso das mercadorias se concretiza, no entanto estas só se realizam efetivamente como valor de uso se antes puderem ser trocadas por dinheiro.

Diferente do Livro I e II, em que Marx (1985ab) retrata esta duplicidade através da produção e circulação simples das mercadorias, no Livro III de O Capital tem-se que esta questão é recuperada pelo mesmo através da produção global do capital, em que a contradição entre valor de uso e valor de troca é agora explicitada de maneira mais concreta, ou seja, do modo como ela de fato se sobressai na superfície da sociedade. (TEIXEIRA, 1995).

Essa antítese entre valor de uso e valor de troca assume o caráter de constantes crises de superprodução de mercadorias. Aparentes aos agentes produtivos como sendo ocasionadas por escassez do consumo ou inabilidade de efetivação das mercadorias produzidas, quando em seu âmago ocorre que a produção de valores de uso apresenta em si um limite que se realiza no fato de as necessidades de consumo serem ilimitadas, ao passo que a racionalidade do modo de produção capitalista objetiva sempre o aumento da produção sem preocupar-se com a possibilidade de absorção de toda a produção pelo mercado, gerando miséria, desigualdades e guerras.

Assim, entende-se que Marx reafirma a condição do indivíduo que é diminuído nas suas potencialidades/particularidades humanas e elevado a simples personificações econômicas em benefício do fluxo do capital global, entretanto, inova ao afirmar que este mesmo indivíduo, vítima da silenciosa violência do sistema, é sujeito criador das condições emancipatórias necessárias à efetivação do reino da liberdade. Nesse sentido, ao contrário das alegativas de seus críticos, acredita-se que Marx revoluciona o modo de pensar a questão do indivíduo, lançando assim os fundamentos para a constituição de uma ontologia do ser social.

CONCLUSÕES

Em virtude do que foi dissertado, conclui-se que Marx, na inteireza do Capital, seus três livros, trata nas linhas e entrelinhas do texto sobre a individualidade humana e de como ela é negada, bem como das razões que a negam e de como delas podem os trabalhadores se libertar, construindo no decorrer do escrito as bases para uma teoria da individualidade que coube a este estudo, despretensiosamente, interpretar e compilar.

A individualidade humana é tratada no legado marxiano, aqui revisado, como complexo categorial cuja expressão é utilizada tanto para designar uma dada forma de existência dos homens no curso do processo histórico de autoconstituição do ser social, quanto para designar o modo de ser singular e irrepitível de cada indivíduo, que expressa, nada mais nada menos, a forma particular na qual cada indivíduo se apropria dessa dada forma de existência, a essência da individualidade humana que se produz na forma capital.

Uma individualidade, cuja substância expressa as contradições e os antagonismos que estabelece com essa dada forma de sociabilidade: por um lado afirmada enquanto portadora, no curso do evoluir histórico, de uma substância inegavelmente mais rica e complexa, por outro lado negada enquanto personificação das relações econômicas nas figuras do capitalista e do trabalhador, uma vez que a produção e reprodução do gênero humano no capital se erige sobre a negação da

individualidade na produção, circulação e reprodução do capital global, cada uma delas com suas engrenagens de exploração estruturais e inafastáveis do sistema econômico vigente.

Essa negação sempre acontecerá enquanto as estruturas carcomidas do capitalismo se soerguerem sobre o espírito humano. A busca por uma liberdade supérflua, as vantagens da rapidez, o “desenvolvimento”, o conforto e a tranquilidade proporcionados – para alguns – pelo modo de produção capitalista aliena as pessoas e esconde uma realidade de desigualdade, miséria, fome, exclusão, servidão e morte. Hoje, a concepção que temos de trabalho está completamente voltada para a lógica capitalista, “viver para trabalhar” e não “trabalhar para viver” – isso para a classe trabalhadora, que não possui o controle dos meios de produção.

O trabalho e sua venda confundem-se com a individualidade das pessoas e ocupam grande parte das suas vidas. Contudo, é importante que tenhamos a compreensão de que não foi naturalmente que chegamos a isso, mas sim fomos levados a tal. Essa compreensão é construção social, e se assim o é, pode ser desconstruída um dia proporcionando o devir humano e o entendimento do processo histórico-social tão caro a esta pesquisa no sentido de contribuir para a construção de uma teoria da individualidade humana em Marx.

Palavras-Chave: Individualidade Humana; Capital; Marx.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, Livro Primeiro, Tomos. I e II, 1985.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, Livro Segundo, 1985.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, Livro Terceiro, Tomos. I e II, 1985.